

# Efrain Almeida

# Encarnado

curadoria de Bitu Cassundé



## Presskit Digital

APOIO:

Fortes D'Aloia & Gabriel

REALIZAÇÃO:

instituto  
mirante

CARIRI  
Centro Cultural



**CEARÁ**  
GOVERNO DO ESTADO  
SECRETARIA DA CULTURA

# Da natureza íntima ao voo dos pássaros: Centro Cultural do Cariri abre exposição “Encarnado” do artista Efrain Almeida



Inaugurando o espaço expositivo do equipamento, Encarnado reúne um conjunto de 25 obras, na sua maioria inéditas, além de um documentário que articula questões biográficas e processuais.

O Centro Cultural do Cariri Sérvulo Esmeraldo – espaço que integra a Rede Pública de Equipamentos e Espaços Culturais (RECE) da Secretaria da Cultura do Ceará, gerido pelo Instituto Mirante de Cultura e Arte – realiza a abertura da exposição Encarnado, de Efrain Almeida, no dia 18 de agosto, a partir das 18h, no Pequeno Palco. Inaugurando o espaço expositivo do Centro Cultural, reúne 25 obras que apresentam dimensões entre a natureza íntima e o voo dos pássaros, articulados no sagrado e no ofício, índices protagonistas na poética do artista.

A exposição resulta de uma pesquisa iniciada em 2020, com a produção do documentário Ensaios para outros instantes: rasgos da paisagem, que narra seus processos criativos. Contudo, constitui-se também do

trabalho de 30 anos do artista. Efrain tem obras em importantes coleções públicas e privadas, incluindo MOMA/NY, Caixa Geral de Depósitos, Culturgest (Portugal); Centro Galego de Arte Contemporânea (Espanha) e na Fundação ARCO (Espanha).

Bitu Cassundé, curador da exposição, explica: “A pesquisa se inicia investigando a questão do sagrado na obra de Efrain, a partir da relação imagética de casas de milagres no Ceará, especificamente nas cidades de Juazeiro do Norte e Canindé”. O trabalho ainda se direciona a observar e investigar a relação entre a paisagem e o corpo. “A curadoria se deu a partir de dois eixos principais: do corpo versus o sagrado e do corpo versus a paisagem”, completa. No Cariri, Efrain também percorreu as





idades de Barbalha, Crato, Santana do Cariri, Brejo Santo e Nova Olinda. Outro pensamento presente é o do “Corpo-Pássaro”, que atravessa, a partir das dimensões dos trânsitos e deslocamentos, características do povo cearense que sai em busca de outros horizontes, abordando a relação metafórica e poética da presença dos pássaros e seus fluxos contínuos.

A exposição ficará aberta ao público até fevereiro de 2024 e seu acesso acontecerá de acordo com os horários de funcionamento do Centro Cultural do Cariri. Para Rosely Nakagawa, diretora do equipamento, a mostra de Efrain Almeida conecta a natureza do Cariri com a beleza do ato de criação artística. Além disso, destaca um instrumento pouco valorizado na contemporaneidade do Ocidente: as nossas mãos. “Ele é um artista que reinventa a união de pares opostos de conexão sensível. Com a sensibilidade despertada pelo ofício de marceneiro do pai, ele reconstrói o fazer e apresenta obras construídas que têm nas mãos sua dimensão como escala, afeto e percepção”, conta Rosely.

Sobre os espaços expositivos do equipamento, Nakagawa afirma terem o papel de possibilitar mundos criativos para públicos de todas as idades. “O Centro Cultural do Cariri agradece essa presença que reforça a vocação dos nossos espaços que unem o céu e a terra, a mão e o coração, o ser humano e a natureza, através da arte e da cultura”, completa.

Luisa Cela, secretária da Cultura do Ceará, celebra este momento: “O espaço expositivo que abre suas portas é destinado ao encontro entre a arte e o povo num processo imersivo, de contemplação de símbolos e de instinto, do abstrato e do talvez concreto. Este espaço é público, do povo do Cariri e de todo o Ceará”.





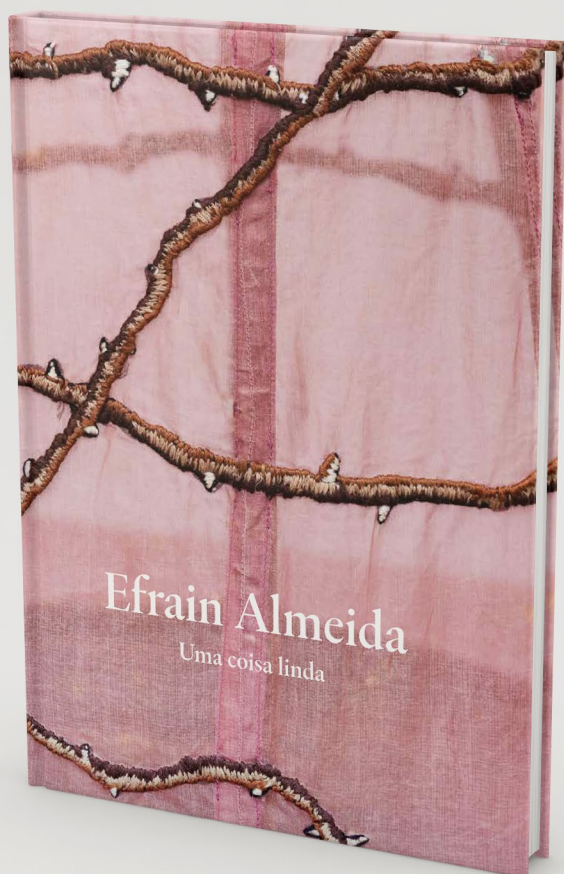
# Ensaaios para outros instantes

O documentário Ensaaios para outros instantes (2021/23, 20') apresenta o percurso do artista pelos centros religiosos do Ceará – Juazeiro do Norte e Canindé – a partir das Casas de Milagres e da ritualística que ativa nesses espaços a relação entre o corpo e o sagrado. Com duas etapas de gravação, a primeira em 2021 e a segunda em 2023, o filme investiga os vínculos possíveis entre as diferentes paisagens e os processos de deslocamentos e trânsitos do artista.

Um atravessamento biográfico tece a narrativa a partir de uma estreita simbiose entre vida e arte enquanto índices de um “Corpo-Pássaro”, que configura o processo de pesquisa e de produção poética relacionadas à mostra monográfica **Encarnado**.



## Lançamento do livro **Efrain Almeida:** uma coisa linda



Somando a programação, no domingo, 20 de agosto, a partir das 18h, será lançado o primeiro livro dedicado ao artista em mais de uma década. Efrain Almeida: uma coisa linda reúne o momento atual de sua produção, com reproduções de suas esculturas em madeira e bronze, obras têxteis, aquarelas e pinturas.

Organizada por Wilson Lazaro, a publicação trilingue conta com textos dos curadores Bitu Cassundé, Clarissa Diniz e Moacir dos Anjos, que abordam aspectos conceituais, históricos, biográficos e simbólicos da obra do artista, formando um panorama crítico de sua produção multifacetada. A programação acontece no Pequeno Palco do Centro Cultural do Cariri.





## Efrain Almeida

A poética do artista Efrain Almeida atravessa diferentes territórios, os quais ativam relações entre paisagem, corpo e sagrado, regidos pelo dado biográfico versus a instância da fabulação. Natural de Boa Viagem-CE, moldou as lembranças do fazer de seu pai carpinteiro e das tradições religiosas ainda na infância, as quais até hoje influenciam sua arte.

Em pequenas esculturas, aquarelas e bordados, Efrain combina elementos da cultura popular nordestina a aspectos autobiográficos e a contemporaneidade.

Utilizando entalhes referenciados nos imaginários, suas esculturas são de corpos ou partes do corpo que remetem a “milagres” e ex-votos – ofertados pelos fiéis ao santo de devoção em agradecimento a uma graça alcançada.

Suas exposições individuais recentes incluem O Sexto Dia, no Museu de Arte Sacra de São Paulo (2022); A Memória da Mão, no MCO Arte Contemporânea, em Porto (Portugal, 2018) e Trance, na James Harris Gallery, em Seattle (Estados Unidos, 2017).



# Sobre o Centro Cultural do Cariri

Inaugurado no dia 1º de abril de 2022, o Centro Cultural do Cariri é um espaço para discussão, promoção e fazeres das artes, ciência, cultura e natureza, aliadas à tradição cultural e à contemporaneidade, aberto aos processos de experimentação e intercâmbio.

O equipamento atende toda a região do Cariri cearense, conta com uma infraestrutura de mais de 50 mil m2, constituído de espaços expositivos, anfiteatro para ensaios e projeções de cinema, teatro escola, salas de aula e ensaio, reserva técnica, restaurante escola, café e planetário, ainda em processo de estruturação.

Atualmente, está aberto ao público às quintas e sextas, das 15h às 20h, e aos finais de semana, das 8h às 20h, com toda área externa composta por pistas de skate, brinquedopraça, areninha, quadras de vôlei e grande área verde. Toda a programação é gratuita.

## Onde estamos localizados

Av. Joaquim Pinheiro Bezerra de Menezes, 1,  
Gizélia Pinheiro (Batateiras), Crato, Ceará



## Exposição Encarnado de Efrain Almeida

**Período:** 19 de agosto a 19 de fevereiro

**Horários:** Quinta e sexta, das 15h às 20h  
e sábado e domingo, das 8h às 20h.

**Local:** Centro Cultural do Cariri,  
Galeria 3 - Piso 2

**Classificação indicativa:** Livre

## Assessoria de Comunicação

Bibiana Belisário

[ascom.cccariri@institutomirante.org](mailto:ascom.cccariri@institutomirante.org)



# O fazer, o pensar e a mão



A mostra de Efrain Almeida, que inaugura os espaços de exposição do Centro Cultural do Cariri, destaca um instrumento pouco valorizado na contemporaneidade ocidental: as nossas mãos.

Ele é um artista que reinventa a união de pares opostos de conexão sensível, conformando o papel das mãos nesse trabalho. Apresenta obras que têm nas mãos sua dimensão como escala, afeto e percepção. As suas mãos nos conduzem na compreensão da relação entre o corpo do ser humano e a aparente fragilidade dos pássaros; entre o pequeno formato da obra e a monumentalidade do espaço. Por meio delas, nos aproxima da grandiosa dimensão da natureza do Araripe, mostrando, em suas mãos, os pequenos detalhes.

Elas apoiam e esculpem esses pássaros, trazem de volta as memórias do “fazer” observado na oficina do pai e seguram os pincéis que dissolvem a aquarela para trazer delicadamente para o papel a cor das plantas, da terra, dos seres das matas.

Suas duas mãos, elas mesmas, apresentam-se ao público como a promessa de que fazer arte é possível e está ao nosso alcance. Richard Sennett (1943), filho de imigrantes russos, cresceu em um bairro pobre de Chicago, Estados Unidos, onde estudou música e violoncelo. Uma lesão na sua mão esquerda encerrou sua carreira musical. Então, estudou Sociologia e História, tornando-se pesquisador e professor na Universidade de Yale, criando um Centro de Pesquisa de Sociologia em Cambridge.

No seu livro *O artífice* (Record, 2009), ele desenvolve a ideia de que a atividade artesanal tece a união de pares opostos – como da mente com o corpo, do pensamento com a mão, da teoria com a prática –, colocando lado a lado o homo faber (que faz bem, e cada vez melhor, o seu trabalho) e o animal laborens (que fica preso à rotina da atividade braçal).

Ele defende que essa divisão não existe, e que o animal laborens também pensa e cria com o fazer. Para ele, sentimento e pensamento se tornam realidade por meio da mão que faz, pela mediação que ela constrói com a matéria e a ação. Ele mostra, inclusive, o quanto empobrecemos quando separamos a técnica da ciência, a arte do artesanato, as mãos da cabeça. E poderíamos acrescentar, ainda, que somos cada dia mais pobres quando utilizamos apenas as digitais dos dedos dessa mesma mão.

O Centro Cultural do Cariri agradece essa presença que reforça a vocação dos nossos espaços que unem o céu e a terra, a mão e o coração, o ser humano e a natureza através da arte e da cultura. A cultura como uma das marcas da capacidade humana de reinventar o mundo, com a força do desejo que une a cabeça às mãos, reconstruindo a consciência e a importância do nosso corpo como obra.

**Rosely Nakagawa**

Diretora do Centro Cultural do Cariri

# Entrevista com o autor

**No Ceará, encarnado é uma forma popular de identificar o vermelho. Como você chegou a esse nome para a exposição?**

Durante a pesquisa eu fiquei muito atento à cor dos locais onde passávamos. A presença desses óxidos de ferro que estão na terra daqui. Então, conversando com Bitu Cassundé, ele falou da presença do vermelho, o encarnado, que é como as pessoas popularmente chamam o vermelho. Acharmos que essa palavra pode significar muitas coisas, inclusive tem um sentido religioso de encarnar, ou de se tornar carne, é uma ideia de uma palavra que pode ter muitos significados e de uma cor que está muito presente na exposição.

**É visível que suas obras dizem muito da relação entre corpo e fé, contudo também falam do seu íntimo. Onde esses dois processos tão singulares se encontram?**

O meu trabalho sempre foi, de certa maneira, autobiográfico, então ele lida com o corpo, mas é um corpo sempre que é uma autorrepresentação. Eu sempre estou partindo da minha própria imagem para criar as esculturas, sejam elas as mãos ou outras partes do corpo. Depois, na pesquisa, a presença dos ex-votos sempre foi muito importante para mim, como conceitualmente toda a minha história em torno deles, que são essas figuras votivas que se encontram nas salas de milagres. Elas são esculturas, são partes do corpo, então, durante a pesquisa, eu me reencontrei, porque a gente foi para a sala de milagres do Canindé, a gente foi na sala de milagres do Socorro, até aí, no Juazeiro, eu me reencontrei com essas imagens e comecei a trabalhar não só a autorrepresentação. É a primeira vez que eu vou mostrar uma série de trabalhos que estão desvinculados de autorretratos e autorrepresentação, e sim, eles são linkados muito mais diretamente à figura votiva das salas de milagres.





## Como artista, qual seu maior interesse em temas para trabalhar nas suas obras?

Como artista, me interessa que essas coisas saiam do âmbito do autobiográfico, de uma narrativa pessoal, e passem para uma narrativa do coletivo. A própria ideia de trabalhar as figuras votivas, por exemplo, é que você tem, numa sala de milagres, um lugar que acolhe todas as histórias, todas as particularidades, todas as subjetividades sociais, todas elas juntas. Então, para mim, interessa que o trabalho tenha esse aspecto que, ao mesmo tempo, é autobiográfico, é confessional, mas também lida com sentimentos e com questões que são comuns a todas as pessoas. Me interessa esse lugar da fala, que seja sobre a minha história, sobre as minhas experiências pessoais, mas que eu possa tocar também algo mais coletivo, não tão individual, não tão íntimo, que eu possa chegar também, só um minutinho, no coletivo.

## E de onde vem a sua referência para o uso da madeira?

Então, o uso da madeira, eu uso umburana nas esculturas de madeira e mesmo nas esculturas que eu faço bronze, eu também uso a umburana, eu uso porque tem esse sentido também de me apropriar de um material que em si já traz a história de

um lugar, a história, as representações religiosas, os brinquedos, no sertão, são produzidos, na maioria, com um umburana. Os materiais, para mim, também são importantes, como o próprio material tem algo que tem uma relação com a história do lugar, com uma ideia de pertencimento, de onde eu nasci.

## Você acredita que o conhecimento não verbal, adquirido junto aos seus pais, é a sua fonte para criação?

Então, eu estudei na Escola de Artes Visuais do Parque Lácteo, no Rio de Janeiro. A minha formação, eu falo formação, não é uma academia, é uma escola livre, mas eu escolhi estudar lá porque os artistas mais representativos da época estavam todos lá e eu me interessei pela produção de lá. Mas eu acho que, para mim, eu sempre intuí, de alguma forma, pela minha própria relação com o meu pai ou mesmo com a minha mãe. Eu acho que isso tem a ver com esse ambiente. A minha formação, em termos técnicos, vem muito mais desse convívio de um cotidiano em família do que propriamente de um estudo numa academia que me ensinou determinadas técnicas. Que também passa por uma questão ancestral, Você vê os mestres, tipo, os Gracianos, Manoel e o filho, todos eles. O ofício vai passando de pai para filho,



mas de uma maneira que não ensina, tecnicamente. É uma coisa de conviver com aquilo e desenvolvendo uma habilidade a partir do convívio, a partir do olhar, a partir do próprio ambiente em que as pessoas vivem. Eu acho que eu tenho essa herança, sim, também, de aprender vendo as coisas.

**Podemos considerar então que existe uma memória do corpo que conta muito para sua produção, certo?**

Sim, eu acho que essas coisas trazem uma certa memória, uma memória do corpo, memória da mão, a memória do cheiro das coisas. Eu lembro muito do cheiro da madeira. A gente está impregnado com a nossa própria história, com as nossas vivências, e o ofício vem quase como uma espécie de um código genético, se a gente for pensar assim, sabe. A ancestralidade está nas minhas mãos, veja, é muito interessante essa questão da manualidade, porque ela, primeiro, tem uma relação com a matéria, principalmente a madeira. É quente, é orgânico, e, quando você vai trabalhando, a sua mão vai esquentando a madeira, vai entrando pelos poros e tal. Quando eu vou manipulando essa matéria, ela vai trazendo memórias, ela vai trazendo saberes que são ancestrais, que nem eu mesmo tenho isso tão consciente.

**E o tamanho das suas esculturas, elas seguem uma padronagem pequena. Porque?**

Uma vez, um crítico, Frederico de Moraes, vendo o meu trabalho, falou que é como se as suas esculturas ficassem dentro do bolso. E eu achei isso uma coisa muito bonita, porque, lógico, a rigor também está no bolso, mas essa ideia de uma coisa que ela cabe na palma da sua mão, que ela é transportável para qualquer lugar. Eu acho que isso é uma das coisas também que, de uma certa forma, facilitou a visibilidade do meu trabalho, porque nas minhas primeiras viagens internacionais, eu levava os trabalhos todos na mala. Junto com as roupas e tal. Então, essa dimensão pequena dos trabalhos, ela tem essa escala muito reduzida, ela tem uma... ela enfatiza um caráter também afetivo. Essa coisa de você tocar, de você estar na palma da mão, como algo que traz para o acerto.







## **Bitu Cassundé**

### **Curador de Encarnado**

Bitu Cassundé é curador, pesquisador, educador e Gerente de Patrimônio e Memória do Centro Cultural do Cariri. Em 2022 foi curador da exposição Antonio Bandeira: Amar se Aprende Amando, na Pinacoteca do Estado do Ceará. Suas últimas pesquisas se dedicam a investigar as relações de trânsito entre as Regiões Norte/Nordeste do Brasil, com ênfase nos ciclos econômicos, fluxos migratórios e as conexões entre vida, desejo e arte. Questões relacionadas à subjetividade, confissão, intimidade, biografia, também integram suas pesquisas.

# Programa Educativo

O Programa Educativo “NOME” é responsável pela realização de ações atreladas a exposição Encarnado, de Efrain Almeida, e se apresenta como um ambiente plural para o compartilhamento de epistemologias e práticas de origens distintas, cultivando conhecimentos e conexões, atrelado aos saberes de base tradicional e as transformações contemporâneas, oferecendo ao público uma experiência educacional mais inclusiva, tecendo aproximações entre as práticas educativas no campo da mediação cultural, oficinas, formações para professores/as, estudantes e demais agentes culturais interessados/as.

Através de agendamentos, grupos podem compor um roteiro investigativo, contendo programas formativos desenvolvidos especialmente para o público que frequenta os espaços expositivos.



## - Visitas Mediadas

As visitas nas mostras expositivas acontecem com a presença de mediadores/as, que são orientados a acolher e abordar o público presente de acordo com suas particularidades, sejam elas de idade, escolaridade, contextos sociais e culturais.

## - Ateliê Criança Arteira

As atividades buscam atender às necessidades criativas, de imaginação e curiosidade das crianças, promovendo um ambiente propício para o diálogo e a troca de experiências e conhecimentos entre os/as pequenos/as artistas, contribuindo para seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

## - Ateliê Criança Arteira | Oficina de Desenho

Na atividade, cada participante receberá papéis crafts em tamanho A6 para realizar desenhos de observação de alguma obra exposta pelo artista. A ideia é que cada um desenhe obras diferentes ou detalhes de obras. Na etapa de pintura, os desenhos serão reunidos e distribuídos de maneira aleatória. Na finalização, será montado um mosaico em formato de painel, fazendo referência ao interesse do artista pelo pequeno formato, pela estética das casas de milagres e suas obras em que aparecem o elemento da repetição.

Faixa etária: 10 à 14 anos.



### - Ateliê Criança Arteira | Objetos Tridimensionais

As crianças serão convidadas a explorar conceitos de formas e espaço na criação de objetos tridimensionais a partir do contato com materiais que podem ser encontrados na natureza. Os aspectos do onírico, da ecologia da natureza real e imaginária, além da pura observação dos corpos e sua disposição nos ciclos naturais e não naturais estarão como pauta para instigar as/os participantes na produção dos objetos. Faixa etária: 10 à 14 anos.

### - Ateliê Feito À Mão

Se configura como um programa direcionado ao público adolescente e adulto, que articula a leitura, a compreensão e a experimentação artística, de modo mais aprofundado, em conceitos e práticas aplicados em experimentações práticas de diferentes técnicas e materiais. As atividades desenvolvidas neste ateliê, baseiam-se nos processos de formação artística vivenciados pela população caririense, dentro de oficinas e ateliês de artistas e mestres/as da região, que possui processos poéticos/criativos, gravados por conhecimentos ancestrais do que é feito pela mão e através da oralidade.

### - Ateliê Feito à Mão | Oficina de Bordado

A oficina é voltada a experimentação das técnicas de bordado, com uma inspiração

especial na produção têxtil de Efrain Almeida, labor com grande influência do contexto familiar, vivenciado no quarto de costura de sua mãe. Será realizado um passeio por materiais e pela técnica do bordado livre, encarando maneiras de expressar o cotidiano a partir da agulha e linha.

### - Ateliê Feito à Mão | Oficina de Xilogravura

A oficina é voltada a experimentar processos que compõem a gravura de relevo, trazendo por motivação o exercício da autobiografia, tema muito caro ao artista cearense Efrain Almeida, e algumas das suas obras apresentadas na sua exposição individual, apreciadas na visita mediada que antecede a oficina. Esta atividade é direcionada preferencialmente à comunidade surda, com o intuito de aproximá-las e integrá-los às ações educativas, oferecendo o suporte de acessibilidade com a presença de intérpretes de LIBRAS.





## Imagens, áudios e vídeos para download

Obras e fotos para a divulgação

Teaser oficial

Teaser documentário

Spot para rádio



# Expediente

## Assessoria de Comunicação

### **Bibiana Belisário**

Coordenadora de Comunicação

### **Nirvana Lima**

Analista de Mídias Sociais

### **Pâmela Queiroz**

Analista de Rádio

### **Aécio Diniz**

Analista de Rádio

### **Rafael Monteiro**

Designer

### **Samuel Macedo**

Fotógrafo

### **Bruno Justino**

Estagiário

instituto  
**mirante**

**CARI**  
Centro Cultural

 **CEARÁ**  
GOVERNO DO ESTADO  
SECRETARIA DA CULTURA